



ILSE LOSA

«Com este Encontro no Outono conquista Ilse Losa um lugar invejável na galeria dos nossos contistas contemporâneos. E vale a pena frisar que se o conto dos nossos dias releva de um filão pouco explorado pela novelística tradicional — os segredos do coração humano e, antes de mais nada, o segredo da sua solidão — a parte que cabe a Ilse Losa nessa tarefa ainda um dia há-de vir a ser posta em relevo.»

JOÃO GASPÁR SIMÕES

Portugália



Editora



ILSE
LOSA

encontro no OUTONO

68

ILSE LOSA

encontro no OUTONO

Capa de
João da Câmara Leme

DA AUTORA

O Mundo em Que Vivi — romance
3.^a edição refundida

Faisca Conta a Sua História — novela infantil (esg.)

Histórias Quase Esquecidas — contos (esg.)

Grades Brancas — poemas em prosa (esg.)

Rio sem Ponte — romance

Nós e a Criança — livro pedagógico

A Flor Azul — histórias para crianças
(2.^a edição)

Aqui Havia Uma Casa — contos e novelas

Um Fidalgo de Pernas Curtas — romance infantil
(2.^a edição)

Ida e Volta — A procura de Babbitt — viagens

Sob Céus Estranhos — romance

2 Peças Infantis — teatro

Encontro no Outono — contos
(2.^a edição)

Um Artista Chamado Duque — histórias para crianças e
adolescentes

A sair:

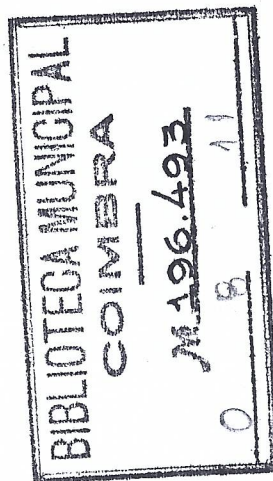
A Adivinha — teatro para crianças e adolescentes

ILSE LOSA

ENCONTRO NO OUTONO

CONTOS

2.^a edição



PORTUGÁLIA EDITORA

Encontro no Outono é o quinto volume de Ilse Losa publicado pela Portugália. Nele se evidencia, mais uma vez, a temática que fez da Autora um dos escritores mais originais das nossas Letras contemporâneas. Além de origem, judia fugida aos nazistas, ela trouxe com efeito para a literatura portuguesa as vivências e as angústias de um mundo perturbado e dilacerado pela perseguição, o medo, a suspeita, a covardia e o desenraizamento perante um passado que a violência destruiu. Em o Encontro no Outono, o conto que dá o título ao livro, é essa mesma temática que subtilmente se vive: o encontro, vinte anos depois, de um grupo de mulheres que procuram reviver o impossível — a sua juventude tranquila no Liceu Schiller.

À Alexandra, ao Pedro
e à Margarida.

Encontro no Outono

QUANDO me chegou às mãos aquela carta com os selos da República Federal — Heuss, Johann Sebastian Bach, Flora e Filatelia — e li no verso do sobrescrito o nome da remetente, abanei a cabeça, incrédula: Ludovica Vogler. Depois de terminar o liceu nunca mais tinha pensado em Ludovica. Mesmo assim, bastou agora o seu nome, escrito a tinta azul e em altas letras góticas, para evocar todo um mundo submerso, como acontece quando reencontramos numa gaveta, em que há muito não mexemos, um objecto familiar mas já esquecido.

Ludovica Vogler: a Rua de Friedrich Ebert, calma, aseada, marginada por altos castanheiros; o cheiro das manhãs nebulosas animadas pelo pí-faro do amolador; em todos os jardins das mora-

dias burguesas, como que obedecendo a um decreto oficial, túlipas na Primavera, lilases no Verão, sécias no Outono; resguardado por muros de tijolo enegrecido o velho Liceu Schiller que tanto ansiávamos por ver reduzido a cinzas e que havia de facto de ser reduzido a cinzas, mais tarde, quando já lá não andávamos. Como todas as alunas que vêm do centro da cidade, entro pelo portão tra-seiro. Atravesso o recreio, deixando à direita a «casa pequena» ocupada pelos alunos do primeiro e do segundo ano e a mesa comprida abrigada pelo alpendre, onde o continuo e a mulher, no intervalo das dez, distribuem leite quente em canecas de faiança amarela e iogurte em tigelinhas de vidro azul. Com a mesma fascinação de sempre levanto os olhos para a farta copa da tília no centro do recinto e sorrio ao ver o banco de pedra que a cerca. Ali tirámos certo dia uma fotografia cómica — a Princesa, Gertrudes, a *Vamp*, Pawlowa, Sofia e eu — como fundo a torre da igreja de Santo André; sentadas no banco as três raparigas mais altas e fortes com as três mais frágeis às cavaleiras. Mas o fotógrafo baixara-se de mais e, assim, viam-se no primeiro plano duas filas sobrepostas de pernas descomunais, enquanto

as cabeças tinham ficado desproporcionalmente pequenas. Sofia, de cabelo liso e preto, pousava um braço nos meus ombros. Quando, catorze anos depois, pela última vez, deitou os braços em volta de mim, estava moribunda numa cama branca da clínica de São Luís, em Lisboa. «Um pouco cedo, Paula, mas, em compensação, tanto mais cruel», disse-me com morbidez. Alcanço a fachada interior do grande edifício escolar que acolhe as alunas do terceiro ao último ano. Subo os cinco degraus até à porta da entrada e, como tantas outras vezes, sinto-me tentada a tocar a sineta suspensa da parede, mas lembro-me de que Mona Lisa ficara uma vez de castigo por não ter resistido a esse mesmo impulso. Entro no vestíbulo revestido de azulejos brancos e amarelos. Pouso o olhar por momentos no lavatório contra a parede do fundo; certa manhã um grupo da nossa turma metera a cabeça de Irene Mackenzie debaixo daquela torneira por ela ter denunciado ao professor Hübner — a quem tínhamos posto o nome de «Galo» por causa da sua voz estridente — a aluna que lhe espetara a fotografia de Marlène Dietrich nas costas do casaco. Nessa altura o pai de Irene era director das Obras Públicas da cidade, mas alguns

anos mais tarde havia de ser promovido a um cargo mais alto no Ministério do Terceiro Reich, em Berlim. Subo os degraus, que, de tão velhos, rangem debaixo dos meus pés, e aspiro com repugnância o cheiro misto a madeira podre e cera fresca. Depois de passar o corredor afunilado do primeiro andar, com a sua longa fila de casacos e boinas azul-marinho do último ano de liceu, abro a porta ao fundo. As minhas condiscípulas estão debruçadas sobre um exercício de matemática. Dou logo com Ludovica na segunda fila, à direita da coxia, e com a Leninha Müller, o nosso génio de matemática, a seu lado. À esquerda da coxia, na mesma fila, lá estou eu e a Sofia, em cujo cabelo preto o sol matinal põe um reflexo azul. De uma das vezes que a visitei na clínica de São Luís reparei naquele mesmo reflexo azul no seu cabelo, mas nessa altura ela usava-o muito mais comprido e, a conselho da enfermeira, amarrado com uma fita larga de veludo, cor de marfim, que lhe emoldurava a cabeça. Tinha a cara escavacada e murcha, os olhos ardentes e desmedidos. Mas ali ao meu lado, no banco escolar, é uma rapariga radiante de mocidade. Contemplo-nos às duas como se contemplá um quadro perfeito de que, por nada deste mundo,

nos queremos separar. Sofia fecha o caderno e tira com cautela um livro que escondera debaixo da carteira (*Madame Bovary*, eu bem sabia). Como de costume, resolvera só os problemas de álgebra e deixara os de geometria. Empurro o meu caderno para o lado dela, mas já está absorvida pela *Madame Bovary* e a matemática deixara de existir. Torno a olhar para Ludovica. Duas tranças castanhas, rematadas nas pontas por fitas pretas, bamboleiam de cada lado da sua comprida cabeça de cavalo. Bastava essa cabeça para que não ocorresse a ninguém achar Ludovica bonita. A Leninha, essa, coitada, é loira e rosada de mais e faz lembrar um leitãozinho. Não me escapa o seu gesto disfarçado de passar para o regaço de Ludovica um papel dobrado. Calculo que deve ser a solução do último problema do exercício. Ludovica, sem nenhuma queda para a matemática, pode contar inteiramente com a ajuda da amiga para quem, em compensação, escreve as redacções, visto à Leninha faltar estilo agradável e imaginação literária. No mesmo banco da Irene, a denunciante, fica Lisa Mertens, a rapariga mais bonita da turma. Por sinal traz uma ligadura na testa e lembro-me de que ela caíra desajeitadamente e rachara a ca-

beça na aula de Ginástica ao dar um salto em altura. Mas nem sequer a ligadura feia reduz a beleza daquele rosto de nariz direito e fino como o das figuras gregas. Se a baptizámos de Mona Lisa não foi por se parecer com a bela florentina, mas simplesmente por ser também bonita e se chamar Lisa.

Irene, a denunciante, escolhera Mona Lisa para melhor amiga e creio que não o deve ter feito por acaso. Como Mona Lisa pertencia ao meio acanhado do pequeno burguês, para o qual a abastança constitui a aspiração máxima, impressionava-se de tal forma com a casa e a maneira de viver dos Mackenzies, verdadeiros ricos, e com a presunção de Irene, que se deixava dominar pela amiga. E devia ser precisamente isso que agradava a Irene, de inteligência medíocre mas de feitiço mandão. Quando lhe meteram a cabeça debaixo da água fria, Mona Lisa soubera ser prudente, deixando-se ficar na sala de aula, mas mais tarde dissera a Irene, de maneira que quem estivesse perto pudesse ouvir: «Não passam de canalha reles». Os meus olhos procuram Pawlowa. Lá está ela, ao lado de Gabriela Kern. O seu verdadeiro nome, já se vê, não é Pawlowa. Chama-se Olga. Olga Minden.

Mas como adora dançar e sabe de facto dançar, passou a ser a Pawlowa, embora nenhuma das rapaiças da aula alguma vez tivesse visto a verdadeira Pawlowa. Inesquecível aquela festa dos meus anos em que Pawlowa se exibiu na sala de jantar da tia Lina. Afastámos a mesa, as cadeiras e o tapete. A tia Lina tocou uma valsa de Chopin, e Pawlowa, num vestido cor de limão, os cabelos soltos, descalça, agitando braços e mãos, esvoaçava pela sala como um passarinho de Verão. No fim fez várias cortesias como se estivesse num palco, o que levou a boa tia Lina a tirar da jarra uma enorme peónia vermelha que lhe entregou, fazendo também uma profunda vénia diante dela. Fora da dança, Pawlowa só se interessava pelo teatro e pelos actores de teatro. Estudar era para ela um verdadeiro martírio e se, apesar disso, aguentou o curso do Liceu Schiller até ao fim, deveu-o ao pai que, à noite, não saía do seu lado enquanto não tivesse feito os deveres para o dia seguinte. Mais tarde, no entanto, indemnizou-a daquelas canseiras deixando-lhe tirar um curso de dança. Um ano depois do nosso exame final encontrei-a na rua. Trazia um *tailleur* cinzento-prateado de gola e regalo de astracá com

uma flor dum roxo-pálido no ombro. Tão linda e graciosa estava que os transeuntes detinham o olhar nela e depois ainda olhavam para trás. Contou-me que frequentava uma escola de dança em Munique e que estava a passar uns dias de férias em casa. Tencionava chegar depressa ao plano das grandes estrelas no firmamento do bailado.

Gabriela, criaturinha magra e pálida, faz ao lado de Pawlowa o efeito de uma criada de quarto. Esforço-me por recordar se ela se tinha distinguido em alguma disciplina ou se lhe conheço tendência para qualquer coisa, mas não me ocorre nada de especial. De Pawlowa era amiga íntima, mas juntava-se também com frequência à Irene, a denunciante, e à Mona Lisa, em quem se apoiava para trocar de Cristina Weber, filha de uma mulher a dias que tinha uma bolsa de estudo e era a melhor aluna da turma. Irene afirmava que a plebe (dizia mesmo a plebe) só tinha uma única ambição: disfarçar-se de qualquer maneira para encobrir a sua origem e poder trepar rapidamente na vida.

A Princesa, atrás de Gabriela, rapariga gorducha, sua em bica sobre o exercício. Sujara de tinta a cara larga, um tanto rústica, característica

ainda acentuada pelo infantil penteado de duas tranças enroscadas sobre as orelhas. Como se fosse dum grande peso, aperta a caneta tão fortemente entre os dedos que mesmo antes de lhe ver a mão já eu sei que a ponta do dedo grande é engrosada por um calo tão impregnado de tinta que não sai nem com escova e sabão. Em certa festa de Natal, organizada por um dos coros da cidade em que cantava o seu pai, a Princesa — de verdadeiro nome Leonor Winkelmann — desempenhara o papel da Princesa sobre a Ervilha. Mas na velha lenda aquela Princesa era tão fininha e delicada que ficou com uma grande negra na pele só por lhe terem metido uma ervilha debaixo do último dos sete colchões em que dormia. A nossa Leonor gorducha caía tão bem no papel como a mosca no leite. Mas, mesmo assim, não escapou à sumptuosa alcunha de Princesa que, aliás, no dizer do professor de História, não lhe assentava nada mal, pois não tinham sido poucas as princesas gordas na História do mundo. A Sofia e eu não andávamos muito com a Princesa, o que estranho agora. Talvez os seus modos enérgicos e directos não condessessem com a nossa noção romântica da vida ou talvez o nosso conhecimento da natureza hu-

mana fosse ainda débil de mais para que soubéssemos avaliar uma pessoa para além do perceptível. Olhada à distância reconheço na Princesa uma rapariga recta e íntegra que apaziguava facilmente as disputas com o seu sentido de humor fino, que desarmava. Mas sabia também repudiar as atitudes manhosas e traíçoeriras. Assim, por exemplo, foi das mais decididas a empurrar Irene, a denunciante, para o lavatório e, antes de iniciarmos o ritual, sentenciou no seu modo justiceiro e ao mesmo tempo jocoso: «Espetar a Marlene no traseiro do «Galo» não é bonito, mas denunciar as condiscípulas é uma pulhice».

É curioso: precisamente Elsa Bach—a *Vamp*—ocupa o mesmo banco que a Princesa. Temperamentos mais antagónicos não se podem imaginar. Enquanto a Princesa, desde os primeiros anos até ao fim do curso, conservou o mesmo rapaz que a esperava fielmente no fim das aulas à esquina da Rua de Friedrich Ebert e com quem dava longos passeios pelos arredores, a *Vamp* já fazia das suas com toda a espécie de homens, o que, de resto, nem sequer procurava dissimular. Certa segunda-feira de manhã apareceu no Liceu Schiller com

uma malinha de viagem. Mostrou-nos a vaporosa camisa de noite e os chinelinhos de veludo que lá guardava e deu-nos a entender que passara um divertido fim de semana. Meio horrorizadas, meio invejosas, pusemos os olhos naquela mala de cabedal vermelho, porque no nosso íntimo estávamos persuadidas de que a *Vamp* vivia aventuras extraordinárias que nós, quando muito, conhecíamos de livros e filmes ou talvez da nossa fantasia desgarrada. Aliás, aquelas duas raparigas, que formavam um tão estranho par e que pacificamente, lado a lado, se atormentavam com o exercício de matemática, iriam trilhar, num futuro não muito distante, caminhos tão diferentes como eram diferentes na índole e no aspecto.

A Dr.^a Tauenzie, a professora de Matemática, consulta o relógio de pulso e diz: «Pronto». Ouve-se um longo suspiro que atrai o meu olhar em direcção da cara feia de Gertrudes Hust, cara chapada do pai, o famoso Dr. Hust, médico de crianças. Ao contrário do que seria de esperar, as crianças, apesar da sua invulgar fealdade, não tinham medo dele. Provavelmente conquistava-as com os seus modos tranquilos e joviais. Mesmo assim, os adultos chamavam-lhe com malícia o «Papão». Ger-

trudes herdara dele a cara angulosa, a boca torta e a testa muito alta, mas não a simpatia e a cordialidade. Era rezinguenta e irritável, e isso, talvez, porque uma rapariga se conforma mais difficilmente com um semblante mal-parecido do que um homem.

A sineta, que eu ao entrar por pouco teria tocado, anuncia o fim da aula. A Dr.^a Tauentzie recolhe os cadernos e repreende a Pawlowa por esta ainda corrigir rapidamente algum algarismo. Com um jeito hábil, Sofia senta-se em cima da *Madame Bovary* e estende o caderno azul à professora. Esta, ao reparar nas suas faces afogueadas, sorri ambigualmente, como quem diz: tanto alvoroço por causa da Matemática, Sofia?

Ludovica e Leninha não se precipitam para fora da sala como as outras raparigas. Saem de braço dado e com passo lento. Ludovica, desengonçada e alta, caminha um pouco curvada, como é costume da gente da sua compleição. De resto, teria de se curvar de qualquer maneira para poder dar o braço à Leninha, bastante mais baixa do que ela. No recreio as duas trocam as sanduíches, porque a Ludovica dá grande apreço às fatias de centeio com salame da Leninha e esta prefere os pães

zinhos brancos com geleia de morango, feita em casa pela mãe da Ludovica. Dir-se-ia que as sanduíches caracterizavam as mães daquelas duas amigas: a de Ludovica provinha duma família de altos funcionários do Sul e a da Leninha de camponeses abastados da Baixa Saxónia. Depois das sanduíches vão comprar iogurtes ao continuo e, em seguida, ainda chupam pastilhas de alcaçuz de marca *Cônsul*. Num tão grande acordo fraternal conviveram durante os seus anos no Liceu Schiller.

Sofia e eu sentamo-nos no banco debaixo da tília. Encostamo-nos uma à outra e Sofia conta-me a vida falhada da irrequieta *Madame Bovary*. Nisto passa o «Galo» e repreende-nos com a sua voz estridente: «Outra vez aqui sentadas como duas galinhas no poleiro? Fazia-lhes melhor à saúde mexerem-se um pouco». O «Galo» tomara Sofia de ponta, na opinião de uns por embirrar com as suas redacções e na de outros por ser anti-semita.

Vendo-nos às duas encostadas uma à outra, compreendo que uma verdadeira amizade é uma dádiva do céu. Em presença de Sofia sentia-me tão feliz que até me custava ser desagradável com

alguém. Talvez isso explique porque é que ao ver passar a feia Gertrudes a detenha e a convida para se sentar ao nosso lado debaixo da tília, apesar de ser a condiscípula de quem menos gostava. Com o seu modo rezingão responde que não quer sentar-se, que anda à procura da *Vamp*, não tínhamos visto a *Vamp*? Como Gertrudes nunca tivera um namorado nem mesmo passageiramente e nada conhecia de convívio entre rapazes e raparigas, indeminizava-se daquela falha estimulando-se com o que a *Vamp* lhe contava da sua vida aventureira. Chegou mesmo a acompanhar a amiga numa das suas excursões de fim de semana em que tomou parte um senhor quarentão, endinheirado. Depois, como se a situação não tivesse sido humilhante para ela, contou-nos o que se tinha passado: o quarentão marcou dois quartos pegados num lindo hotel, um para a *Vamp* e para ela, outro para si próprio. Por volta das duas horas da manhã a *Vamp* saiu pé ante pé, cochichou-lhe um rápido «até logo» e só voltou pela madrugada. Graças à indiscrição de Gertrudes também estávamos ao corrente da estranha vida familiar que a *Vamp* levava com a mãe, viúva entradota e balofa, dona duma pequena salsicharia na periferia da cidade. Sabía-

mos, por exemplo, que essa senhora se deliciava, como a própria Gertrudes, com todos os pormenores das aventuras audaciosas da filha. E agora, que sei que a *Vamp* acabou por descer aos abismos mais abjectos da existência humana, onde os homens desafiavam e excedem em barbaridades o próprio Diabo, pergunto-me se aquela mãe teria continuado empenhada em conhecer os últimos pormenores dos divertimentos da filha.

Gertrudes, correndo dum lado para o outro à procura da *Vamp*, esbarra com Chinchila, que se lhe junta. Chinchila — aliás Elisabeth Ober — devia a sua estranha alcunha a um grupo de quintanistas do liceu masculino. Num dia de Inverno, ao verem aquela rapariga de cabeça muito larga e cara rechonchuda, com uma jaqueta de peles prateadas, a subir ágilmente a íngreme pista de treinos, exclamaram: «Olhem, uma chinchila!» Não posso deixar de me rir ao recordar o ar ingénuo, quase cándido, com que ela se virara, perguntando: «Que é isso, uma chinchila?» Desataram numa gargalhada estrondosa e gritaram-lhe: «Zoologia me dói, Chinchila!»

«Dão licença?» pergunta Cristina antes de se sentar ao nosso lado debaixo da tília.

Talvez tenham sido cerimónias como esta que, desde logo, provocavam em nós uma certa inibição perante Cristina. Irene, a denunciante, que tinha sempre uma explicação para tudo, dizia que a plebe sofria da mania das cerimónias em ocasiões impróprias. Cristina, de feições delicadas, quase suaves que, mais tarde, se haviam de tornar angustiosas e um tanto duras, era pouco comunicativa e nunca conseguiu, em todos aqueles anos do liceu, arranjar uma amiga íntima. Estou certa de que se deve ter sentido bem solitária no meio das companheiras da turma. Observando-a ali, sentada ao nosso lado, com um vestido de chita barata aos quadrados, a cabeça encostada ao tronco da tília a escutar o relato de Sofia sobre a *Madame Bovary*, não consigo perceber a razão por que nem Sofia nem eu a tínhamos admitido na nossa intimidade. Estaríamos também contagiadas pela petulância da maioria das alunas do velho Liceu Schiller? Ou era culpa da própria Cristina por ser sempre tão reservada e por, no fim das aulas, se apressar a correr para casa em vez de vaguear connosco pelas ruas da cidade?

Agitada pela evocação dum mundo que julgava submerso, ao abrir a carta de Ludovica danifiquei os selos na serrilha, delito que meu filho não me perdoaria. Tal como o sobrescrito, também a folha cor-de-milho estava escrita com altas letras góticas que lembravam as redacções esmeradas de Ludovica, classificadas pelo «Galo» de «concretas e equilibradas». Curioso o ele nunca se ter apercebido de que a Leninha dava provas das mesmas qualidades literárias de Ludovica, pois que nunca lhe dera nota superior a «quase suficiente». Isto podia ter feito desconfiar a Leninha: esforçar-se-ia a sua melhor amiga mais nas redacções para si própria do que nas que produzia para ela? Mas tais suspeitas não ocorriam à Leninha, sempre mais ocupada com os algarismos e teoremas do que com especulações psicológicas. Em seu entender, o «Galo» era simplesmente caprichoso e injusto. E, daí, talvez não andasse longe da verdade, por que, se assim não fosse, como se explicaria o pouco apreço em que tinha as redacções de Sofia, classificando-as sempre com notas baixas? Bem sei, Sofia não tinha uma letra vistosa e clara como Ludovica; fazia, pelo contrário, gatafunhos gordos, se-

melhante às notas cheias da música, que tombavam em todas as direcções sobre o papel e não raras vezes alastravam em borrões feios. Provavelmente Sofia esquecia-se da letra quando, na hora e meia de que dispúnhamos para as redacções, enchia entusiasticamente quinze ou mais folhas do caderno. No dizer do «Galo» não as enchia, mas emporcalhava-as. Também lhe censurava a falta de lógica. «Por amor de Deus!», dizia, «não se começa com o discurso directo; não é bonito espetar o dedo pelos olhos do leitor. Primeiro é preciso dar uma ideia nítida do ambiente em que a história se vai desenrolar. Primeiro o *onde*, depois o *quando*, o *quem*, o *quê* e, finalmente, o *como* era a sua regra burocrática para a criação literária. «Em vez disso — repreendia ele a Sofia — a menina conta numa mistura desmazelada, dá livre curso à pena e não se rala com a maçada que dá a um professor, já de si sobrecarregado de trabalho». Mas, apesar de tais admoestações do «Galo», pouco depois dos nossos exames finais, uma casa editora publicou uma novela de Sofia, tecida à volta do velho e lendário álamo que ficava ao pé da fonte de Roland. «Uma notável revelação e uma grande esperança», lia-se na contracapa.

A carta de Ludovica abria com um «Minha querida e boa Paula», que, depois de tantos anos sem nos termos visto, me chocou pela exuberância. Entre nós nunca tinha havido, aliás, grande intimidade. Informava-me de que descobrira o meu endereço por várias vias indirectas, até à Cruz Vermelha se dirigira («imagina, Paula querida!») e estava «indescritivelmente feliz por te saber viva e no belo Sul soalleiro». Apenas lamentava que eu tivesse ficado viúva. A razão principal da sua carta não era de ordem particular, mas sim convidar-me para um encontro da nossa turma, em princípios de Outubro, no Hotel Califórnia. Um hotel novo em folha, na antiga Rua de Friedrich Ebert, que mais tarde — provavelmente eu ainda tinha assistido a isso — e por mal dos nossos pecados, passara a ser a Rua de Martin Bormann, mas que depois da guerra — e felizmente — adoptou o nome de Franklin D. Roosevelt. Com toda a certeza eu ainda não tinha esquecido que naquela mesma rua se erguera o nosso «tão estimado Liceu Schiller, que, por desgraça, foi destruído durante a guerra, não é verdade?» E como o Califórnia foi construído no mesmo sítio, realizar-se-á ali o nosso encontro.

Ao partir meti na carteira uma fotografia de Sofia e outra do meu filho. Eu própria tirara a da Sofia, num dia quente de Verão, no Terreiro do Paço: ao fundo o arco da Rua Augusta; Sofia, de saia preta e uma blusa sem mangas, que parece branca, mas que na verdade era verde. Apesar de prejudicada por um excesso de luz, via-se bem que a Sofia estava esquelética e prematuramente envelhecida, já tocada pela morte. Mas só uma fotografia em grande plano ou, melhor ainda, um retrato pintado por um artista poderiam ter traduzido o sofrimento e a amargura daquelas feições cansadas e destruídas. Mas eu fazia tenção de acrescentar com palavras o que não era visível na pequena foto da Sofia, a única que dela possuio. De Miguel escolhi, entre dúzias de instantâneos, um tirado na praia, no qual, além da sua cara inteligente, se desenha bem o seu corpo esbelto com as pernas altas. Ele, vendo-me meter o foto na carteira, riu-se: «Tencionas trazer-me alguma sogra?»

2.

FOI grande a minha comoção quando revi a extensa floresta outonal onde os dourados se mesclavam com escarlates, roxos e sempre-verdes. Ao caminhar sobre a terra húmida que exalava o mesmo cheiro acerbo de sempre, os meus passos eram passos já dados, o corpo desdobrava-se em outros corpos que integravam uma unidade espiritual e física no tempo e no espaço. Tudo era parte inseparável de mim mesma como a minha respiração, como a raiz é da planta.

Mas a cadência do tempo é fatal e nem a ilusão mais misericordiosa a consegue alterar. Por isso o desengano não se fez esperar. Na cidade grandiosamente reconstituída renascera vida nova das ruínas. Vida soberba e pujante que eu não parava de admirar: os variadíssimos e ricos sor-

tidos das lojas de comércio, as torres de habitação ou para escritórios, de vidro e aço, os largos espaços verdes semeados de esculturas. Mas nada disso me dizia respeito e o que senti talvez se assemelhasse ao que se sente quando se percorrem as salas duma casa modelo em exposição numa feira, primorosamente equipada, mas sem o toque pessoal dum habitante nosso conhecido.

A antiga Rua de Friedrich Ebert, agora Rua de Franklin D. Roosevelt (e sabe-se lá por quanto tempo), outrora sossegada e umbrosa, onde o pó-faro do amolador rompia a espessura das manhas nebulosas, ficava no meu tempo na periferia da cidade. Agora aproximou-se do centro, graças ao fabuloso crescimento de novos bairros. Os velhos castanheiros tiveram de dar lugar a um considerável alargamento das faixas do trânsito. Levantei o olhar para os blocos brancos, agradáveis na sua arquitectura correcta e racional. Não me foi difícil imaginar por detrás das suas fachadas as habitações confortavelmente modernas. Porém, para a minha realidade, àquela rua pertenciam os castanheiros da Índia, que, no Verão, davam flores brancas e vermelhas parecidas com castiçais, e as velhas vivendas cercadas de jardins onde flo-

resciam túlipas na Primavera, lilases no Verão e sécias no Outono. Não foi o meu sentido de orientação que me conduziu ao sítio onde se tinha erguido o Liceu Schiller, mas sim as grandes letras suspensas sobre o terraço dum edifício alto: Hotel Califórnia.

No *hall*, alcatifado de verde-azeitona, as paredes duplas de vidro com enormes montras exibiam em grande profusão plantas de zonas tropicais. *Maples* roxos circundavam pequenas mesas enfeitadas com dalias também roxas. Coisa alguma fazia lembrar o antigo *hall* de azulejos amarelos e brancos do Liceu Schiller. Mas, bem vistas as coisas, que razão haveria de o fazer lembrar se não tinha passado dum humilde *hall* escolar? Dirigi-me à empregada da recepção, uma loira cor-de-rosa, de pálpebras verdes e de longas unhas prateadas que lembravam barquinhos de plástico voltados para cima. Ai!, tão pacata e insignificante tinha sido, comparada com ela, a senhora Aida, chefe da secretaria do Liceu, que, na melhor das hipóteses, poderia ter-se maquilhado para uma festa de Carnaval! Mas se a senhora Aida não destoava num liceu que tinha Schiller como patrono, a loira-

-rosa estava mesmo certa num hotel com o nome de Califórnia.

Ao perguntar-lhe em que sala tinha lugar o encontro da minha antiga turma receei que se risse. Ao fim e ao cabo era muito nova e pertencia à geração do pós-guerra, geração «sem culpa», que, como se diz e escreve, não perdoa aos seus progenitores o naufrágio moral da pátria. Mas ela, excelente empregada da recepção, não se preocupava com problemas de natureza extra-oficial. Explicou com o sorriso neutro e solícito do padrão internacional dos *keep-smiling*: — No primeiro andar, minha senhora (engenhosa organização de Ludovica: no primeiro andar do último ano da turma). — Pode tomar o ascensor ou subir por aquela escada — e o barquinho prateado da ponta de um dedo lançou um rápido fulgor na direcção indicada.

Tomei a escada, porque para o primeiro andar só utilizam o ascensor as pessoas velhas ou entreditas ou então as crianças.

A passadeira era verde-azeitona como a alcatifa do *hall*. Os degraus não rangiam debaixo dos meus pés nem cheiravam a madeira podre ou a

cera fresca. Não cheiravam mesmo a coisa nenhuma e não provocavam em mim nem a mais ligeira das evocações que tão espontaneamente tinham feito surgir as altas letras góticas de Ludovica.

Lá estava ela postada à porta do salão reservado para o encontro. Embora não fosse a mesma Ludovica dos tempos idos (e como havia de ser?) reconheci-a pelo corpo desengonçado, ainda mais vergado do que antes, como se carregasse um fardo, e pela longa cabeça de cavalo. Por um instante estranhei não ver junto dela o nosso génio matemático, a Leninha. Não havia nem casacos nem boinas azuis ao longo da parede do corredor, cuja passadeira amortecia discretamente os meus passos. Um quem és? apareceu nos olhos de Ludovica, mas quando me encontrei em frente dela riu-se de satisfação e exclamou triunfante: — Paula, tu! — Apertou-me nos braços e beijou-me nas duas faces com um ímpeto quase peninsular. Tudo isso condizia tão pouco com ela como o exuberante «minha boa e querida Paula» do seu convite. Por que razão essa estranha conduta, se nem ela nem nenhuma das minhas condiscípulas, a não ser a Sofia, alguma vez me tinham beijado?

De braço dado levou-me para dentro do salão espaçoso e sobreaquecido. Em volta duma mesa redonda, posta para o lanche, já se encontravam cinco condiscípulas. Sem que Ludovica lhes desse tempo para tentarem reconhecer-me, apresentou-me e acrescentou:

— A única participante que veio do estrangeiro.

Não tenho dúvidas de que com isso me quis prestar uma homenagem, mas involuntariamente cercou-me de barreiras.

Às sete condiscípulas ali presentes — incluídas Ludovica e eu — juntar-se-iam, segundo Ludovica previa, mais duas. Seríamos então ao todo nove. E não era um número notável se considerarmos que a partir do quinto ano a nossa turma se compunha apenas de quinze alunas e que havia atrás de nós uma horrrosa guerra?

Adivinhava-se o esforço que tinham feito para se valorizarem, cada uma a seu gosto. Todas, sem excepção, tinham ido ao cabeleireiro, pois quem é que não sabe quanto depende do cabelo uma mulher que perdeu a juventude? Ludovica apresentou-mas uma após outra e não se esqueceu de

mentonar os seus nomes de solteira e as velhas alcunhas: Olga Stamm — em solteira Minden, a Pawlowa; Gabriela Walder — em solteira Kern; Leonor Winkelmann, a Princesa; Elisabeth Schulz — em solteira Ober, a Chinchila; Lisa Meier — em solteira Mertens, a Mona Lisa.

Embaraçada, juntei-me à roda delas, mas apesar de todas estarem tão bem-postas e de haver um centro de belas rosas-chá na mesa, não experimentei essa sensação de solenidade agradável e festiva que seria natural numa ocasião destas e que outrora me invadia na mais simples festa de anos de qualquer das condiscípulas presentes, ou mesmo num lugar da galeria do teatro, antes de o pano de boca subir. Disseram: — Então de novo por cá? Fizeste boa viagem? Que tal te parece isto agora?... — Não tiveram dificuldade em me tratar por tu, o que me ajudava a adaptar-me àquela atmosfera e a afastar um pouco as barreiras que Ludovica, sem querer, levantara em volta de mim.

Então aquela mulher tão bonita e elegante fora a criatura magricela e pálida chamada Gabriela, que ao lado da graciosa amiga Pawlowa não pas-

sava duma criada de quarto? E por sua vez Pawlowa, tão presente na minha memória, vestida de cor de limão a esvoaçar como um pássaro pela sala da tia Lina e depois ainda no *tailleur* cinzento-prateado de gola e regalo de astracã, essa mesma Pawlowa era aquela mulher quase descarnada, de cabelo pintado de ruivo berrante, a cara avelhetada e empastada para encobrir as rugas? Com um impulso de piedade e de perturbação debruçei-me sobre o *pékinois* deitado no seu regaço e afaguei-lhe o pêlo, embora os *pékinois* sejam os únicos cães que detesto. Devia presentí-lo, pois rosnava e os seus olhos bugalhudos e muito afastados um do outro mediram-me com hostilidade.

— Desconfia de gente estranha — disse Pawlowa, desculpando-o. A sua voz quente e animada contrastava surpreendentemente com os olhos castanhos, emoldurados por manchas azuladas donde partiam dois traços negros oblíquos.

— *Hong* querido, sossega — disse, amimando o *pékinois*. — Estamos entre amigos.

— Amigas — corrigiu-a a senhora de grande volume de carnes, com um chapéu género panela metido na cabeça. Chamara-se em tempos Mona Lisa e fora tão bela que mesmo com uma feia liga-

dura em volta da testa ainda conseguia ser o leite dos nossos olhos.

— Não devias deixar engordar o bicho dessa maneira, Pawlowa — disse ainda. — Detesto os cães gordos.

Como se deixara ficar um pouco afastada da mesa, o meu olhar deslizou do seu pescoço untuoso ao longo da barriga balofa até às pernas maciças, escarranchadas, que se prolongavam em coxas colossais, visíveis um bom pedaço acima dos joelhos.

Pawlowa suspirou e encheu os olhos de desolação:

— É um castigo, Mona Lisa. Só come fígado cru e bolos secos.

O *pékinois* lambeu-lhe as mãos.

— Não tens filhos, Pawlowa? — perguntei, e arrependi-me imediatamente de o ter feito. Não tencionava, de maneira nenhuma, escarnecer do seu afecto pelo cão. Mas ela não parecia magoada. Da mascarilha azul-ocre os olhos cravaram-se extáticos no vazio e a luz vinda da janela avivava-os na bela tonalidade de um castanho-cor de camurça. — Filhos? Eu filhos? — e juntado as mãos com fervor patético sobre o peito: — Não, Paula

querida, não tenho filhos! Pertengo à espécie das desgraçadas mulheres sem filhos.

— Não quiseste tê-los? — perguntou Chinchila, cujos lábios se comprimiam para dentro, em resultado da dentadura mal colocada.

— Oh!, Chinchila, filha, que pergunta! As grandes amantes nunca tiveram filhos.

Como se lhe tivessem dado a resposta mais absurda da sua vida, Chinchila olhou em redor, espantada. («Pawlowa, na altura em que ainda dançava num corpo de bailado — nunca chegou a ser estrellá, coitada — era casada com um certo Alfredo Ripp, romancista de segunda plana. Os primeiros anos conjugais viveu-os num autêntico arrebatamento. Depois ele abandonou-a por uma outra mais nova. Aliás, morreu mais tarde na guerra»). Esta informação foi-nos fornecida, pouco depois, por Gabriela, durante uma curta ausência de Pawlowa, que saíra com o seu *pékinois* para o ajudar numa pequena emergência. Gabriela tinha mantido contacto com Pawlowa, embora as duas já não fossem, de há muito, as amigas íntimas de outrora. Mas isso era escusado Gabriela tê-lo dito, pois depreendia-se perfeitamente do tom tro-

cista com que relatara a carreira e o casamento falhado de Pawlowa.

— Também pertengo à espécie das desgraçadas mulheres sem filhos — meteu-se a Princesa na conversa. — Mesmo sem ter sido nunca uma grande amante. Pior para mim, não é verdade?

Por detrás do seu riso não se ocultava nem escárnio nem despeito. Lembrei-me do rapaz que a vinha esperar tão fielmente no fim das aulas à esquina da rua e com quem dava longos passeios pelos montes e pelos campos. Não me atrevi a perguntar-lhe por ele, mas ela decerto leu a pergunta nos meus olhos, pois disse: — Morreu na guerra, Paula.

E, de repente, compreendi o que havia de particularmente persuasivo e até de sedutor naquela Princesa gorducha: o modo maternal sem artifício a que se aliava uma firmeza que desarmava toda a espécie de hipocrisia. Aliás, ela era, além de Ludovica, a única condiscípula que teria reconhecido sem que ma tivessem apresentado. Embora já não usasse, evidentemente, o infantil penteado de tranças enroscadas sobre as orelhas, embora a cara larga, um tanto rústica, tivesse envelhecido e os óculos de armação dourada lhe desfavorecessem

as feições, nada de essencial nela se tinha modificado.

— Não tiveste filhos teus, Princesa, e por isso encarregaste-te dos outros — disse Ludovica, que também ficara solteira e a quem provavelmente ninguém quisera distribuir o papel duma grande amante lendária. Informou-me de que a Princesa, depois de deixar o liceu, se fizera enfermeira e que, nos anos «das terríveis perturbações», conseguira fazer passar vários grupos de crianças judias e outras crianças perseguidas pela fronteira da Suíça.

Dir-se-ia que Ludovica se vangloriava com aquela informação ou que dirigia louvores não só à Princesa, mas também à própria pátria. Em contrapartida a Princesa garantiu, com calma, que não fizera mais do que o seu dever. Estas palavras provocaram um silêncio repentino e embaraçoso, do qual surgiu a voz de Ludovica como surge um vulto de entre a bruma:

— E se começássemos com o lanche? Já são horas. Cristina e Gertrudes com certeza não tomarão a mal.

Todas acharam que sim, que o melhor era começarmos a lanchar.

— Que é feito de Cristina? — perguntei a Ludovica depois de ela ter tocado a campainha que ficava junto à porta do corredor.

— Então não sabes? Trabalhou durante uns anos na B. B. C. em Londres. Regressou depois da guerra e está agora na Emissora do Sul, em Baden-Baden. Podes ouvi-la várias vezes ao dia, tem uma linda voz...

— Na B. B. C.? — interrompi-a surpreendida.

— Sim, no B. B. C. Casou com um não-ariano (foi o que ela disse: não-ariano), com quem fugiu para Londres. Na guerra ele lutou contra nós e morreu em Tobruk.

«Contra nós». Era mais o nós do que o *contra* que fazia de mim a estranha, «a única participante que veio do estrangeiro» como Ludovica me apressentara.

— Por acaso não querias que lutasse *por nós*? — perguntou a Princesa nesse seu conhecido modo sarcástico.

Riram-se. Sem malícia, diga-se a verdade. Mas que havia naquilo que fosse para rir? Pawlowa acariciou o *pékinois* e em seguida acendeu, com mãos nervosas, um cigarro. Deitou o fósforo de cabeça preta sobre a toalha adamacada, muito

branca. Era um desses fósforos arredondados, vermelhos e encerados. Certa vez espalhei, por descuido, uma caixinha daqueles fósforos na minha carteira por entre porta-moedas, pó de arroz e outras pequenas coisas. Miguel pediu-me para o deixar juntá-los. Desajeitadamente, as mãos infantis colheram um por um, pondo-os, sobre a toalha branca da mesa, lado a lado. E quando os vi assim enfileirados, todos vermelhos e de cabeça preta, ocorreu-me cantar-lhe a canção do homenzinho do casaco vermelho, de um pé só e de boné preto, que vivia sozinho na floresta. Miguel riu: «Canta outra vez, canta outra vez». Bateu palmas, apontou para cada um dos fósforos: «Mãe, um homenzinho, um homenzinho, um homenzinho....» «Não, Miguel: um homenzinho, dois homenzinhos, três homenzinhos....» Foi essa a sua primeira lição de aritmética.

Tirei os olhos dos fósforos de Pawlowa. As condiscípulas estavam agora a olhar na direcção da porta, donde se aproximava a criada, que puxava diante de si um carrinho com tabuleiros de fôrmica e pés cromados. Vinha tão asseada como a cidade reconstruída, os vastos espaços arrelvados por entre os blocos de habitação ou a mesa impecável-

mente posta com rosas-chá, no centro. As condiscípulas aspiraram o rico cheiro a café e, perante a alta torta de cereja à moda da Floresta Negra e a taça de cristal com *chantily* exclamaram: — Que maravilha! — No carrinho vinham duas cafeteiras de porcelana branca e várias leiteirinhas minúsculas. Pawlowa deu pulinhos na cadeira. Pelos vistos continuava com um comportamento infantil, o que acontece com frequência às mulheres sem filhos a quem falta a escala para medir a idade.

Não pude deixar de pegar numa das leiteirinhas e de contemplá-la em silêncio: estava com a tia Lina na Confeitaria Trocadero. Como de costume a boa tia encomendou duas chávenas de café com as respectivas leiteirinhas de nata líquida e mais uma à parte, para mim. «O café é um veneno para as crianças e um elixir para a gente grande», era o seu lema. Seguindo-o escrupulosamente, deixava as três porções de nata líquida na minha chávena, acrescentava, com generosidade, umas gotas de café para «dar cor» e depois bebia regaladamente o meu café e o dela sem nata e sem açúcar. Teria alguma vez recebido as encomendas de meio quilo de café que eu lhe enviara, anos depois,

para a fábrica da morte onde acabara os seus dias?

— Em que pensas? — perguntou a linda Gabriela. Pousei a leiteirinha na mesa e admirei-me de novo com a metamorfose da collegial insípida, transformada naquela mulher vistosa que sobresai de modo fulgurante entre as condiscípulas, à volta da mesa. O tempo procedera com ela ao contrário do que costuma fazer. Embelezara-a, para não dizer: rejuvenescera-a. Era magricela e agora estava bem composta sem ser cheia; tinha dantes o porte próprio duma rapariga franzina e anémica e agora erguia o busto com graça felina. E ostentava uma pele bronzeada pelo sol, apesar da estação outonal, o que formava um contraste agradável e atraente com o seu cabelo fofo, pintado de loiro-cinza. O vestido azul-de-aço, de impecável corte, correspondia na cor exactamente aos olhos. Curioso, eu nunca tinha reparado, no meu tempo do Liceu Schiller, que esses olhos tinham aquele azul-de-aço!

— Estava a pensar na minha tia Lina — respondi, mas arrependi-me logo de ter dito a verdade, pois não sentia vontade nenhuma de falar da tia Lina com Gabriela.

— Ah, sim, a tua tia Lina! Lembro-me bem. Eras muito amiga dela, não eras? (Respondi que sim, com a cabeça.) Senhora simpática, sempre bem disposta...

Devias tê-la ouvido rogar pragas às pessoas que batiam à porta quando estava a tocar piano, pensei divertida, mas apenas disse:

— Já há muito que não via leiteirinhas destas.

— Acredito. Lá na *vossa terra* não se usam. Pela manhã bebem muito leite com pouco café em chávenas enormes. Almoçadeiras, é como dizem, não é? À tarde tomam chá, durante o dia tomam uma quantidade de café forte, em chávenas pequenas...

E fiquei a saber que Gabriela estivera várias vezes na Península. Da Espanha conhecia muito mais do que eu. Acima de tudo gostava da Costa Brava, onde, no mês anterior, se pusera tão bronzada. Em seu entender *a minha terra* era um pedaço encantador, muito pitoresco, sobretudo na província, onde havia curiosos solares antigos ao lado de casinhas muito pobres, mas quase sempre caídas de fresco. E que simpática essa gente que sorria com gratidão pela mais insignificante esmola. Chegavam a comover de tão humildes.

— Aqui nesta terra — disse —, nada disso já era possível. O nosso povo ficou egoísta depois da guerra (depois da guerra!). Já não há nada que lhe baste. É insaciável, podes crer. Por isso consolamos-nos topar com esses pobretões resignados com a sua sorte. É a vontade de Deus, dizem com grande simplicidade. Não é encantador?

Olhou em redor buscando assentimentos. A maioria achou que sim, que era deveras encantador e muito apreciável. Apenas a Princesa objectou:

— Ora, ora, sabe-se lá se estão tão satisfeitos e conformados como pode parecer a um estranho. Nós não podemos olhar para dentro das pessoas.

Não, não podemos olhar para dentro das pessoas. Podia eu porventura olhar para dentro das minhas antigas condiscípulas, que tentavam, ali no Hotel Califórnia, saltar comigo um quarto de século? O que é que fizeram, disseram, pensaram, entretanto? E quem amaram, odiaram, mataram... mas não, por amor de Deus, não!... E no entanto... O que se esconderia atrás da testa lisa e bronzeada da elegante Gabriela a quem a miséria alheia e o folclore serviam de passatempo? Que espécie de miséria humana lhe teria servido de passatempo

quando eu, com essa coragem que o desespero nos empresta, procurava abrigo com um homem que não conseguiu adaptar-se a um meio estranho e que, por isso, sucumbira?

Por mais algum tempo foi continuando com a tagarelice turística. Não procurei corrigir os seus relatos. Limitei-me a cismar nas canseiras que devia ter e nos processos que usava para conservar a pele tão esticada e lisa. Nem sequer o pescoço, que primeiro nos entrega à velhice, dava mostras do tempo que havia passado.

Ludovica fazia de dona de casa, servindo-nos repetidas vezes café, fatias de torta e *chantily*.

— Quase que não te modifiqueste, Paula — disse-me Chinchila no seu modo pacato. — Conheci-te logo que entraste.

Quase, quase — que palavra aparentemente tão insignificante, mas tão manhosa! Via-me ao chegar à cidade estranha, que tinha sido a minha cidade. Via-me no Hotel Lindenhof a entregar a mala a um rapaz de caracóis negros, que se disse espanhol e logo no ascensor, sem cerimónias, começou a confiar-me as suas mágoas. Não gostava de trabalhar naquele hotel. Era obrigado a um horário absurdo. Também não gostava da cidade. Sen-

ram ao sítio e o queixo fez-se de novo anguloso. A madeixa branca, logo acima da testa, contrastava harmónicamente com o verde do vestido, mas não deixava de me envelhecer. Devia ter pintado o cabelo, pensei. Com enternecimento tacteei o collar de esferas de madeira clara. «Toma, mãe», dissera Miguel no seu modo desajeitado de rapaz. O dar e o receber confundiam-no sempre; era preciso conhecê-lo e amá-lo para não se ficar melindrado ou para o não melindrar a ele com um entusiasmo ruidoso ou alguma prenda fora de propósito.

— É simpático da tua parte, Chinchila, achares-me pouco modificada.

Apesar de cansada e vermelhusca, a cara de Chinchila ainda conservava a expressão ingénua e um tanto cândida. As cores berrantes da roupa que trazia pareciam andar em luta umas com as outras. Talvez os quintanistas, nesta altura, lhes tivessem gritado: «Em gosto medíocre, Chinchila!»

— Chinchila é viúva de guerra — intrometeu-se Ludovica. — Vivia em Berlim Leste e fugiu para o nosso lado (deitou a mão ao braço de Chinchila com o gesto protector dum polícia de trânsito

tia saudades da sua Valladolid; onde, no mundo, havia sítio igual? O quê, eu conhecia Valladolid? Então tinha de concordar com ele! Mas ali, naquella terra nórdica onde havia mais frio no princípio do Outono do que na dele em pleno Inverno, ali só havia uma única coisa aproveitável: o ordenado que lhe permitia mandar dinheiro à família e ainda ficar com algum para si... Depois de me ter deixado, tirei da mala o vestido para o encontro e a bolsa de plástico com os objectos de *toilette*. Refresquei-me, substituí o fato de viagem por um vestido de fazenda verde-garrafa; as sólidas meias de *mousse* por outras mais finas e os sapatos cómodos à inglesa por uns incómodos de tacão alto. Vi-me ao espelho: o vestido de bom corte assentava-me como uma luva; as meias e os sapatos favoreciam as pernas, demasiado grossas nos tornozelos. Aproximei a cara do espelho. Que irritantes estes poros dilatados e as pregas que descaíam do nariz para os cantos da boca! O queixo perdera o redondo suave da juventude e das faces desaparecera a frescura. Com as mãos repuxei a pele para o alto das fontes. Deste modo as duas pregas desapareceram e o queixo arredondou-se obedientemente. Mas mal tirei as mãos, as pregas volta-

que ajuda uma criança a atravessar a rua). Agora está em segurança.

Isto serviu-lhes de prelúdio para uma conversa, que lhes era familiar, referente a coisas muito posteriores ao tempo do Liceu Schiller e também àquela época em que ele foi destruído, dessa época sobre a qual procurávamos debalde lançar uma ponte. Dirigiam-se em especial a mim, a estrangeira, para me iniciarem no assunto: Aquilo lá na outra zona? Nem queiras saber! Que Deus tenha piedade daqueles nossos pobres irmãos! Têm casas ainda mais feias do que os russos e os polacos. E as lojas, meio século atrasadas em relação às nossas. A mercadoria fraca, provinciana, piores. Os livros intragáveis, sem excepção, sempre as mesmas histórias primárias de lavradores e operários, literatura social!

— Papel higiênico tão grosso como cartolina — disse Mona Lisa, soltando guinchos.

Chinchila calava-se. Embora estivesse «em segurança», parecia sentir-se comprometida como quem ouve dizer mal dalgum parente com quem não está em boas relações, mas que sempre é da família.

Um sonoro «boa-tarde» interrompeu a conversa. Diante de nós estava uma mulher alta e esbelta, que, apesar das feições um pouco duras e do cabelo todo branco, dava a impressão de ser jovem. Nenhuma das presentes parecia conhecê-la.

— Sou a Cristina Weber.

— Pois claro! Mas sim! Mas evidentemente! — ouviu-se de todos os lados. Ludovica abraçou-a e beijou-a nas duas faces com o mesmo ímpeto com que me beijara a mim:

— Sou a Ludovica. Não te zangues, Cristina, por não te termos reconhecido logo. Estávamos absorvidas por uma conversa apaixonante. — Tirou-lhe o casaco, ajeitou-lhe uma cadeira: — Que prazer ter-te aqui entre nós, Cristina, ouço-te muitas vezes na rádio — deitou-lhe café e leite na chávena, cortou-lhe uma fatia de torta de cereja a que juntou uma boa colher de *chantily*. Mostra-te tão diligente como se estivesse ao serviço de um superior, o que levou Cristina a perder a paciência.

— Basta, Ludovica, basta.

Tanto Cristina, cujo marido combateu «contra nós» e morreu em Tobruk, como eu, a «única participante que veio do estrangeiro», parecíamos ser

para Ludovica algo como um *corpus delicti* de que ela não havia maneira de se desembaraçar. Por isso, a única solução, de momento, era encarar-nos como monumentos-padrões de advertência em que punha devotadamente ramos de flores.

Advertência, advertência—oh!, como me doíam os braços e as pernas: fugia pelas montanhas com o meu amado, fatigado até à morte. Agarrávamo-nos um ao outro: não ceder, não ceder, é preciso viver, chegar lá. Apanhávamos as folhas primaveris que molhávamos nos regatos frescos e púnhamos sobre a testa escaldante...

Entrou o *groom* com um papelinho que entregou a Ludovica. Esta levantou-se e endireitou-se, fazendo lembrar uma das suas altas letras góticas. Bateu com a colher na chávena:

— Minhas queridas antigas condiscípulas, minhas boas amigas. Infelizmente Gertrudes não pode vir. Foi impedida à última hora. Lamento, e decerto também lamentais. Se estiverdes de acordo, vou então proferir as palavras de saudação que vos tinha destinado. (Estávamos de acordo, pois claro). Sede bem-vindas a esta cidade, que, embora renovada de aspecto, continua a ser a nossa cidade. Sede bem-vindas a esta terra (olhou para

mim) a que estamos devotadas de alma e coração. E, finalmente, sede bem-vindas a este edifício que se ergue sobre o mesmo pedaço de terreno onde outrora se erguia, honrado e digno, o nosso tão querido Liceu Schiller. Nele, destruído num dos mais cruéis bombardeamentos que assolaram a cidade, foi-nos dado matar a nossa sede de saber, quando éramos novas e felizes, construir castelos no ar sob um céu desanuviado e selar generosas amizades. É evidente que não suspeitávamos que a vida nos reservava sofrimentos atrozes, a nós, que já tínhamos nascido em plena guerra. Mas tão mal-fadadas fomos que tivemos de assistir, na florecência da nossa juventude, à mais terrível guerra de todos os tempos. Tivemos de chorar a morte de entes queridos, de presenciar a destruição das nossas cidades magníficas e gloriosas. Tivemos de nos defender do fantasma homicida da fome. Algumas de nós foram forçadas a comer o pão do estrangeiro (olhou para Cristina e para mim), outras perderam a vida. E mesmo assim: Deus é omnipotente. Devemos-lhe estar gratas por o nosso povo, trabalhador sem igual e consciente das suas obrigações, ter levantado das ruínas cidades novas, claras, modernas. Em virtude da nossa dedicação

à pátria e da nossa tradicional capacidade de trabalho, o mundo respeita-nos e admira-nos. (O «Galo» teria delirado com Ludovica, pensei). Podemos ter orgulho por contribuirmos para a conservação e o progresso da cultura ocidental (aqui fez uma pausa e bebeu um golinho de café frio). Oito de nós apareceram, não reacearam nem incómodas viagens nem perdas de tempo. Até do estrangeiro se deslocou até nós uma boa amiga (de novo olhou para mim), gesto que sabemos apreciar e com que nos sentimos honradas (sorri para ela). Tentei averiguar o que aconteceu às colegas que não estão presentes, mas, apesar das minhas minuciosas indagações, só vos posso falar acerca de três delas. Uma, como deveis imaginar, é a minha querida Leninha, o nosso génio matemático. Durante a guerra, apesar de ser ainda tão nova, ocupou o lugar de primeiro guarda-livros numa fábrica de pólvora, em Halle. Escreviamos-nos todas as semanas. Para mim, que sempre senti grande prazer em escrever, isso não significava nada de especial, mas ela, para quem as redacções foram sempre uma tortura, deu-me com aquelas cartas outras tantas provas duma autêntica e incomparável amizade. Estávamos já no último

ano da guerra quando se deu a fatalidade: a fábrica de pólvora foi pelos ares com todo o pessoal que lá trabalhava. (Ludovica parou um instante e ouviu-se Pawlowa suspirar). Irene Mackenzie continuava a viver em Berlim, em Berlim ocidental já se vê. O marido dirige uma importante companhia de seguros e Irene não pôde vir por causa das suas muitas obrigações de sociedade. Escreveu (e Ludovica desdobrou a carta de Irene): «Só por uma razão de força maior poderia, nesta altura do ano, desprender-me das obrigações sociais a que a posição de meu marido me obriga. E um encontro de antigas colegas não é precisamente uma razão de força maior, não é verdade?» (Algumas riram-se com aquela graça de Irene. Ainda será uma denunciante?, pensei). E agora resta-me a missão desagradável de vos informar sobre Elsa Bach, a *Vamp*. Infelizmente enveredou pelo pior caminho, a desgraçada! Só Deus sabe porquê! Somos pequenas e insignificantes de mais para poder atingir os seus desígnios. Pois Elsa foi guarda de presos em Auschwitz. (Que frio que ficou de repente o salão sobreaquecido. Meti as mãos debaixo dos braços. Ludovica dirigiu o olhar por cima de nós como se procurasse alguma coisa ou alguém

na distância). Não escapou ao castigo justo. Morreu na forca. (Mais um golinho de café. Algumas caras baixaram-se e só se ergueram de novo quando Ludovica continuou). Gertrudes devia fazer aqui um relato sobre si própria, mas como não pôde vir, cá vai em poucas palavras: fez o curso de Direito, ficou solteira e actua como juiz num tribunal de menores, cá na cidade. O pai, o célebre «Papão» das crianças, morreu durante um ataque aéreo. (Como se isso me dissesse especial respeito, Mona Lisa segredou-me ao ouvido que Gertrudes actuara como uma dessas hienas polítics e que o pai, sempre bom homem, se desgostara de tal forma que cortara relações com ela...). E agora, minhas queridas amigas, ainda nos sobra uma boa hora para refrescarmos recordações e falarmos da nossa vida presente. Obrigada por terdes contribuído, com a vossa vinda, para a realisação deste encontro. Se Deus quizer, ficarmos-a gravado tão indelêvelmente na memória como os belos anos que nos foi permitido passar juntas no velho Liceu Schiller e nesta cidade.

Respirou fundo, sentou-se, colheu os apertos de mão das condiscípulas. Depois tirou da carteira aquella fotografia cómica em que a Princesa, a

Vamp, Gertrudes, Pawlowa, Sofia e eu — três sobre três com pernas descomunais e cabeças desproporcionadamente pequenas — estamos sentadas no banco que cercava a tília, no recreio. Houve risos, exclamações: Oh, que engraçado! Nem me lembrava já! Que pândego! E isso apesar de a *Vamp*, que «enveredou pelo pior caminho, a desgraçada», também lá estar e com Sofia aos ombros, como verifiquei com amargura. Compararam a moda daquele tempo com a de hoje. Afinal de contas pouca diferença fazia: as mesmas saias curtas, pregueadas, de padrão escocês, as mesmas blusas sem manga, os sapatos em bico... E de repente a Princesa virou-se para mim:

— Que foi feito da Sofia?

Encolhi os ombros. Respondi que, infelizmente, não sabia.

— Eu também não consegui saber nada da Sofia — disse Ludovica.

— Que pena! — lamentou a Princesa.

Todas lamentaram. A Sofia, tão boa, tão inteligente! Até tinha publicado uma novela. Tê-la-iam reeditado? Esclareci que não, que o soube numa livraria antes de vir ao encontro. Aliás, também tinha ido ao sítio da velha fonte de Roland e do

álamo que inspiraram aquela novela, mas nem fonte nem álamo.

Pawlowa, ainda com a fotografia na mão, suspirava. Com um jeito quase tímido estendeu-a ao pékinois: — Olha aquela é a tua senhora, vês? — Depois, ergueu-se num pulo, correu para junto duma das largas janelas laterais, levantou a vidraça e debruçou-se para fora. Uma corrente de ar fez-nos estremecer.

— Da tília nem vestígio! — exclamou.

Fomos ter com ela. Por baixo da janela, entalado entre o hotel, a que pertencia, e o bloco vizinho estendia-se um campo de ténis bem cuidado.

As condiscípulas apontavam com o dedo:

— Ali... Não, antes ali... Não, ali também não, de maneira nenhuma... quanto a mim ficava mais para cá...

Em vão procurámos localizar o sítio da tília com o seu banco em volta. O Califórnia provavelmente tinha mais fundo do que o Liceu Schiller ou, então, o bloco tinha açambarcado para si um pedaço do antigo recreio, cujas dimensões eram bastante maiores do que as daquele campo de ténis. Pelo menos assim nos parecia. Nem sequer a exce-

lente organizadora Ludovica sabia esclarecer o caso. Apontou para a torre da igreja que se erguia do lado do bloco, acima dum casario mais baixo e de árvores outonais:

— A Igreja de Santo André.

E mais uma vez a fotografia passou de mão em mão por causa daquela mesma torre que nos servira de fundo.

— Na realidade não é a mesma — explicou Ludovica. — Foi totalmente reconstruída.

Tubos de néon, brancos e frios, começavam a rasgar o crepúsculo mortiço que caía sobre a cidade. Tubos de néon iguais a todos os tubos de néon que se acendem, ao escurecer, em todas as cidades do Mundo.

— A esta hora já não estávamos na escola.

— Estávamos, sim senhora, nas tardes de desporto.

— Essas só duravam até às quatro.

— Até às cinco e meia.

Discutia-se, ali, junto da janela aberta, até que horas tinham durado as tardes de desporto, enquanto continuávamos olhando a cidade que se ia transformando num jogo de luzes sobre fundo escuro. Senti-me empurrada contra um corpo cheio

e quente: a Princesa. Consideravelmente mais alta do que eu, baixou para mim o olhar através dos óculos. Num silencioso entendimento encaminhámonos para a janela oposta que deitava para a Rua de Franklin D. Roosevelt. Ali os tubos de néon pairavam rígidos entre a animada movimentação dos reclamos luminosos. Era a hora em que em todos os centros comerciais do Mundo a agitação atinge o ponto culminante. BALLY, lia-se sobre a montra larga do outro lado.

— Só uso sapatos Bally. (Era a voz de Gabriella a roçar por nós).

— São caros de mais — disse outra voz.

Todas se tinham despegado da janela lateral e voltado para a mesa.

— De facto não sabes nada de Sofia? — perguntou-me a Princesa.

— Sei.

— Onde foi?

— Auschwitz.

De súbito compreendi que há palavras e nomes que, com o decorrer dos tempos, se vão ampliando e avolumando, em som e substância, para além de um mero significado circunstancial, impondo-se até traduzirem um conceito que tem o estranho

poder de provocar em nós reacções e angústias tão fortes como se esbarrássemos com um cadáver pelo caminho. Depois de eu ter dito «Auschwitz» a Princesa e eu calámo-nos, por uns longos instantes, até que o nosso abalo interior serenasse. Só então esclareci: — Ainda conseguiu, depois da libertação, chegar até junto de mim. Morreu nos meus braços.

Nisto aproximou-se Ludovica e voltámos com ela para a mesa. Embora a tília já não existisse e nem sequer lhe soubéssemos o sítio, o ambiente tornara-se mais natural e espontâneo. Cruzavam-se os «ainda te lembras»?; contaram-se velhas anedotas de professores. Também o tema «doenças» não foi esquecido: os males da vesícula, do fígado, as tonturas e as varizes, o reumatismo, as angústias nocturnas. Recomendaram-se estâncias termais, médicos, homoeopatas, medicamentos, infusões. Falou-se ainda das mulheres a dias, tão exigentes nos salários e na comida, mas tão atrevidas no comportamento; e nos maridos, delas e de outras mulheres que elas conheciam. Uma luz suave, amarelo-dourada, derramava-se dos candeeiros do tecto sobre nós. O cabelo de Gabriela brilhava como o duma criança. A máscara da Pawlowa transformou-se

numa cara expressiva e quase bonita. As cores incompatíveis do vestuário de Chinchila apaziguavam-se. Reconheci no rosto de Mona Lisa vestígios da sua antiga beleza. E por uns momentos eu pertencia de novo ao grupo, às minhas condiscípulas do Liceu Schiller. Com alegres vestidos de Verão e mochilas às costas caminhávamos pelos vastos prados em flor e pela alta floresta de faias cantando: *Caminhar é o prazer do moleiro, Chegou o mês de Maio e Alegre é a vida dos ciganos.*

— Ludovica, esforçaste-te tanto por saber o que era feito de nós e ainda não nos contaste nada de ti própria — disse Cristina com a sua bela voz de locutora. — Que é que fizeste durante todos estes longos anos?

— Oh!, eu — com um rápido gesto de mão Ludovica deu a entender que não achava importante a sua própria pessoa —, até à morte de minha mãe estive na câmara municipal como escriturária, depois passei a governar a casa do meu pai, que pouco antes de se aposentar ainda foi promovido a director dos Correios. Também trabalho em várias organizações de beneficência.

— Ficaste sempre aqui, na cidade?

— Sempre. Mesmo depois de destruída.

Ludovica disse aquilo com orgulho amargo e ainda acrescentou:

— A minha mãe morreu num bombardeamento.

Foi o princípio duma conversa sobre os seus mortos de guerra, a mim morreu-me..., a mim morreu-me...

Só Cristina e eu não falámos dos nossos mortos. Elas tinham queixas dum inimigo oficial que lhes matara entes queridos, mas nós, se falássemos dos nossos mortos, daríamos fatalmente a impressão de termos vindo para lhes exigir, a elas, que nos prestassem contas. Como se houvesse duas justças ou como se nenhuma razão estivesse do nosso lado, erguia-se assim, atrás delas, o altivo deus da guerra «legítima», enquanto detrás de nós se levantava, enorme, de dentes arreganhados, o fantasma do «crime ilegítimo».

Mas, inesperadamente, Gabriela puxou a cadeira para junto de Cristina e perguntou-lhe pela mãe. Era deveras estranho, pois Gabriela, associando-se à denunciante Irene e a Mona Lisa, costumava trocar de Cristina e da sua mãe. Chegara mesmo a fazer constar que a «ambiciosa muher a dias era uma rebelde perigosa». Dizia tê-la

visto numa manifestação política, marchando à frente com uma bandeira vermelha. Mas agora perguntou com simpatia:

— A tua mãe ainda é viva, Cristina?

— Não — respondeu Cristina. E não aparentou qualquer estranheza por ser precisamente Gabriella a fazer tal pergunta. — Pouco antes de rebentar a guerra meteram-na num presídio onde a obrigaram a dormir num caixão. Isso levou-a à loucura e então exterminaram-na. (Aquele «exterminaram-na» e o tom em que foi dito era a condeação de toda uma época).

Assim como a corrente de ar vinda dos bastidores dum palco provoca um ligeiro ondular no pano de boca, da mesma maneira a lacónica informação de Cristina sobre a morte de sua mãe causou um leve remexer de corpos nas cadeiras, que aos meus sentidos despertos não podia escapar.

— Horrível — disse Gabriela.

Apesar de tão lúgubre diálogo não pude deixar de estranhar que justamente ela, a mais vis-tosa entre todas, e Cristina, com o cabelo já todo branco e as feições angulosas, tivessem uma característica em comum: ambas erguiam a cabeça com o mesmo donaire juvenil sobre um pescoço com-

prido e fino, ao passo que em todas as outras — mesmo em Pawlowa, que, com certeza, tentava conservar-se jovem à custa de muita ginástica — os pescoços tinham ficado mais curtos e mais largos e as cabeças mais volumosas, o que as tornava atarracadas e lhes roubava o que o corpo feminino pode ter de mais atraente: o porte da gazela.

— E que fazes tu, Gabriela? — perguntou Cristina como se não tivesse havido a revelação daquele caso pavoroso da morte da mãe.

— Vivo em Francoforte. Faço o pacato papel de dona de casa. O meu marido é advogado. Temos um filho que estuda Medicina.

E enquanto se multiplicava em elogios ao filho, à casa e ao jardim, Mona Lisa inclinou-se para mim e bisbilhotou em voz baixa: — O marido ganhava muito dinheiro com as questões de indemnização às vítimas do fascismo.

Passaram a fotografia do filho de Gabriela: rapaz alto, loiro, de camisola larga com gola alta. O meu Miguel também usa aquelas camisolas, pensei.

Em seguida exibiram-se as mais variadas fotografias de filhos e de filhas: — Por força queria ir para o comércio, não gosta de estudar. — É hos-

pedeira de bordo na Lufthansa, estou sempre numa aflição, mas o que se há-de fazer? — Matemática, é verdade, um autêntico gêniozinho de matemática, tal e qual a Leninha Müller, mas que é que lhe pode render a Matemática?... — Casa com um professor de liceu, enfim, não poderão ir longe...

Também eu mostrei a fotografia de Miguel. Disseram: — Parece-se contigo. Tão queimado, que bem que lhe fica. O quê? Quer ser actor?... — Ainda te lembras, Paula, quando fomos ver o *Czarovitch*, tu, a Pawlowa e eu? — perguntou Mona Lisa.

Sim, lembrava-me. Era uma noite de sábado e a casa estava toda passada. E então Mona Lisa sugeriu em boa hora que recorrêssemos a um tio dela.

— Que é que fazia o teu tio, Mona Lisa?

— Capachinhos.

— É verdade, capachinhos! — exclamou Pawlowa. — E por isso estava em óptimas relações com a gente do teatro. Conseguiu que nos deixassem entrar para os bastidores. Ai, Paula, nós nos bastidores! Lembras-te do cheiro, e do frio, e dos actores prontos para entrarem em cena? Delicioso, não era delicioso? E Rau no papel de *Czarovitch*, o

homem mais jeitoso de toda a cidade: esbelto como um pinheiro, cabelo preto, os olhos também pretos, parecia um jovem xequê. Oh, Paula!, oh, Mona Lisa!

Todas se lembravam de Ricardo Rau, o cantor de opereta, e desta recordação partiram para um cavaquear ameno, semelhante ao leve marulhar das ondas em dias quentes e calmos. Teatro: «Já viste? Não percas! O quê? Ainda não a levaram nos vossos teatros? Pois nos nossos já há meses...» Cinema: «Fellini... Bergmann... Espantoso! Não temos nada que se lhes compare... Não, desse não gostei, está abaixo de toda a categoria, não percas tempo com aquilo...» Literatura: «É preciso ler, palpitante como um romance policial... Não, esse não, supermoderno, chega a ser obsceno e ainda por cima sem pontos nem vírgulas...»

Mas, de súbito, alguém disse: — O quê? Por amor de Deus! Porque hei-de flagelar-me com uma coisa dessas? O que lá vai, lá vai! Não sei que prazer têm os nossos escritores em remexer constantemente naquilo, em sujar o próprio ninho. Das nossas abjecções já fornecemos matéria de mais aos estrangeiros. Ao fim e ao cabo também não fomos poupados pela guerra. Só de a gente se

lembrar o que nos fizeram os Russos e os Polacos...

E tudo se tinha modificado de repente: Quando naquela manhã o carteiro me devolveu a carta que eu tinha escrito a Sofia e li no envelope a anotação «*A destinatária mudou para lugar desconhecido*» fiquei petrificada em frente do pequeno almoço. Não conseguia reunir dois pensamentos. Lugar desconhecido, pobre Sofia, pobre Sofia! Depois, levei automaticamente a louça para a cozinha, sacudi a toalha sobre a banca e estendi-a de novo na mesa. Miguel brincava no chão com cubos de madeira. Fazia castelos e sempre que caíam ria-se e começava de novo. Pus-me à janela. A casa da frente era cor-de-rosa como tantas outras da cidade. «Que lindo, que lindo!», costumava exclamar Miguel quando via casas cor-de-rosa. Mas o seu pai não as apreciava, desdenhava delas, como desdenhava dos costumes que lhe eram estranhos. Só apreciava o que lhe era familiar e tinha saudades da sua cidade do Rur, onde as casas de tijolo eram sujas, onde a fuligem engrossava o ar e onde sobre os canais escuros passavam rebocadores escuros. Não soube vencer a incapacidade de se adaptar a ambientes estranhos. Sofia teria gostado desta

cidade, pensei ao olhar pela janela. Amava a luminosidade e as cores claras. Talvez puxasse a mesa para junto desta janela e escrevesse as suas histórias. Mas quando Sofia apareceu, desfeita de corpo e alma, já marcada pela morte, e saiu comigo pela cidade, receosa e amargurada, olhava só à sua volta e dizia: «Esta gente andava sempre assim tão despreocupada pelas ruas durante todos estes anos?»

Estes anos!...

— Ah, sim, o mal que nos fizeram a nós, disso ninguém fala! Somos apenas os eternos carrascos... (Era a voz de Mona Lisa).

Cristina ergueu-se. Vi que lhe tremiam as mãos. Mas disse apenas que ainda tinha que fazer à noite e que não podia perder o próximo comboio para Baden-Baden. O meu primeiro impulso foi levantar-me também e sair com ela. Mas não me tinha aproximado ainda de Cristina. Tal como nos nossos dias no Liceu Schiller, também agora não se estabelecera nenhum contacto entre nós. Ficara a saber pouco dela e gostaria de lhe perguntar do seu tempo de Londres, do marido que morrera em Tobruk e de como se adaptara ao ambiente depois do regresso.

Graciosamente inclinou a cabeça para o grupo que continuava em volta da mesa:

— Finalmente tornámos a ver-nos. Travámos conhecimento pela segunda vez. Se de ora em diante nos encontrarmos em qualquer parte, já não nos olharemos como estranhas.

Eu disse-lhe:

— Gostava de ter conversado mais contigo, Cristina.

Puxou dum cartão de visita:

— Escreve-me, Paula. Não te esqueças. É pena não saberes nada da Sofia.

Ludovica ajudou-a a vestir o casaco e acomodou-a à porta.

— Fez-se uma presunçosa — desabafou Gabriella, depois de a Cristina ter saído.

— E ela que era sempre tão acanhada — disse Chinchila no seu modo ingénuo.

— Desajeitada — corrigiu-a Mona Lisa.

— Não era de admirar com aquela mãe — disse Gabriella.

— Que mal tinha a mãe? — perguntou a Princesa, com gravidade.

— Era uma ordinária, e revolucionária ainda por cima — respondeu Gabriella, em cujos olhos

azuis-de-aço perpassou um relâmpago de fanatismo.

— Por amor de Deus! — exclamou a Princesa, erguendo-se da cadeira. Mas Pawlowa interveio e suplicou:

— Morreu no presídio e num caixão, a pobre!

— Nós também passámos por coisas terríveis — disse Mona Lisa. — Meu marido ficou inválido na guerra. Tenho de o sustentar e aos meus três filhos que ainda não ganham.

Com o gesto conciliador dum pastor na igreja, Ludovica abriu os braços. Lia-se-lhe na cara o medo de que a tarde, que com tanto esmero organizara, pudesse acabar mal:

— Deixem-se disso, deixem-se disso! Cada um tem de carregar a sua cruz.

A Princesa voltou a sentar-se. Nas suas lentes reflectiam-se as luzes do tecto.

Debrucei-me, mais uma vez, sobre o *pékinois* de Pawlowa. Condescendente, aguentou desta vez os meus afagos. Talvez tivesse acreditado no que lhe explicou a dona: «Que estávamos entre amigos».

Pawlowa tirou uma rosa-chá do centro da mesa. Seguimos-lhe o exemplo. Ludovica forneceu

alfinetes de segurança. Andava sempre prevenida com um molho deles. Fixámos as rosas ou ao vestido ou à blusa.

Eram horas de terminarmos a reunião. Agradecemos a Ludovica a tarde tão bem conseguida e fizemos com ela as contas do lanche. Vestimos os agasalhos. Houve quem se espantasse com o casaco de marta de Gabriela. Tagarelando e rindo desce-mos a escada da passadeira verde-azeitona. A rapariga loira-rosa abriu-se num solícito sorriso de «até à vista». O *groom* segurou a porta e agradeceu as gorjetas. Na Rua Franklin D. Roosevelt trocámos os nossos endereços.

«Adeus. Até à vista. Foi um verdadeiro prazer encontrar-te. Dá notícias, ouviste? Telefona. Escreve...»

De automóvel, de táxi, de autocarro, foram desaparecendo.

— Onde estás hospedada? — perguntou a Princesa.

— No Lindenhof, perto da estação.

— Vamos até lá a pé?

Pelas ruas desconhecidas da nossa antiga cidade caminhei ao lado da Princesa, alta e cheia como as princesas dos Países Baixos. O trânsito

acalmara. As lojas estavam fechadas. Nas montras, muito iluminadas, as mercadorias, numa abundância desconcertante, prometiam um amanhã animado.

Amanhã hei-de comprar para o Miguel uma daquelas malas de viagem com fecho *éclair*, pensei. E muito massa-pão.

Caminhámos* algum tempo sem falar. Depois tirei da carteira a fotografia de Sofia no Terreiro do Paço e mostrei-a à Princesa.

E então falámos da Sofia.

O Poema

ISTO aconteceu nos longos e já tão longínquos anos do cataclismo. Por isso muita gente há-de considerá-lo um acontecimento circunstancial. Peço desculpa a essa gente.

Talvez deva mesmo pedir desculpa por existir. Quem uma vez for atingido por um cataclismo e não puder impedir de exprimir as suas mágoas, deve de antemão pedir desculpa. Pois se só serve para incomodar! De resto, que não tenha ilusões: a comoção que porventura provoque é de pouca dura. Os cataclismos passam e as suas vítimas são personagens transitórias, sem importância.

É o diabo! Por isso quem estiver saturado de pessoas e de mágoas deste género que não prossiga.